

E1 descreve com mais detalhes o espaço físico destinado ao CEMEPE, que considerava pequeno, além de lembrar, ainda de alguns momentos importantes dos primeiros dias de trabalho naquele local. O CEMEPE

Tinha uma sala de aula com 25 carteiras, um quadro, uma televisão com vídeo. Havia uma salinha separada com uma divisória onde ficava a coordenação do CEMEPE. Havia dois pequenos banheiros e uma prateleira onde eram colocados os produtos de limpeza etc. Naquele momento, somente estávamos a Bia (secretaria), Celina (telefone) e Antônio (motorista). Havia uma pequena biblioteca, havia umas mesas ao lado da biblioteca com 4 cadeiras cada, onde o pessoal estudava. Lembro que no meu primeiro dia a professora Sônia estava num seminário em São Paulo, cheguei no CEMEPE comecei a limpar, me deram as coisas do mimeógrafo e material para montar apostilas (E1).

Uma vez organizado o espaço, **E11** lembra que a programação de eventos do CEMEPE começou a ser definida em grupo, de acordo com o que era proposto pelas escolas. [...] *este grupo era composto pelos coordenadores de área, pelos assessores do secretário Afrânio, pelos coordenadores da zona rural, da Educação de Jovens e Adultos, era tudo muito negociado, a gente se encontrava muito, quase que 24 horas (E11).*

Como exemplo dessa estrutura de planejamento, **E11** cita o projeto denominado **Reciclar**, o qual, segundo ele, foi gestado e organizado pelos próprios educadores da rede.

Então, o grupo de professores era convidado, e eles montavam as oficinas e entregavam o projeto para nós, da direção do CEMEPE, e nós nos reuníamos com todos os assessores da administração e avaliávamos o projeto, e este professor era convidado para ministrar e era remunerado. Os professores, enquanto alunos, recebiam também, então era uma forma de valorizar

duplamente o professor, ora como formador, ora como aluno. Então o projeto Reciclar foi um projeto fantástico que aconteceu no CEMEPE (E11).

Ao ser questionado sobre a organização e definição dos eventos do CEMEPE, **E2** afirma que a definição dessas atividades,

era “múltipla”, a maioria das vezes, os cursos eram organizados a partir das sugestões encaminhadas pelas escolas, inclusive, em relação ao nome dos palestrantes para os referidos cursos. Porém, havia algumas vezes que a SME manifestava o interesse e a disponibilidade financeira para a realização de eventos ampliados que envolvessem todos da rede, do tipo congressos, simpósios etc. Mas, a forma, o conteúdo, as datas ficavam a cargo do Centro depois de ouvir as escolas (E1).

Toda semana a direção do CEMEPE apresentava as atividades que aconteceriam, começando por definir as tarefas, que deveriam ser feitas em cada evento, com os funcionários com quem ela poderia contar. Ao final do evento, procedia-se à avaliação do mesmo. Segundo **E1**, a sua participação limitava-se a ajudar em tudo o que fosse preciso. Não ficava presa às tarefas prescritas para sua função:

Havia livros que eram estudados baseados no construtivismo de Emília Ferreira, que servia de referência para apoiar as escolas. As professoras tinham dificuldade para compreender essa teoria, motivo pelo qual foi montada uma equipe na área de alfabetização com Neuza Borges, Meire Ângela, Lúcia Gama e Eliana Nunes que passaram a trabalhar [...] em 1992 indo às escolas para identificar as dificuldades e dar assistência. Na medida em que os professores sentiam dificuldades e entravam em contato com o CEMEPE para solicitar ajuda, a equipe entrava em contato com as mesmas e, a partir das dificuldades identificadas, montavam-se cursos de capacitação para atender aos professores

da Rede. O pessoal chamava os professores da própria rede para dar aulas aos colegas. Quando havia mais participantes utilizavam uma escola, a Honório Guimarães, por ser próxima ao CEMEPE. Para eventos maiores alugavam-se locais bem maiores. Por exemplo, na escola municipal “Criança Feliz” foi realizado o I curso para merendeiras escolares organizado pelo CEMEPE, de 8 a 14 de novembro de 1991. Geralmente as novas merendeiras entravam nas escolas sem conhecimentos básicos sobre higiene alimentar, cardápio, cálculo de per capita etc. O Curso foi ministrado por uma nutricionista da Rede Municipal de Ensino.

Um outro exemplo de idealização, planejamento e organização de eventos, citado em caráter significativo pelos educadores diz respeito ao **I Congresso de Educação do Triângulo Mineiro**, ocorrido nos dias 6 a 10 de julho de 1992, o qual foi denominado **Congresso dos Educadores de Minas** e foi realizado no Uberlândia Clube.

Este evento, amplamente divulgado na imprensa da época, em especial, no Jornal o Triângulo (Julho de 1992), foi idealizado pela direção do CEMEPE, a partir dos dados coletados num questionário enviado previamente às unidades escolares para responderem

com quais palestrantes, cursos e oficinas desejariam contar. Além de Uberlândia, muita gente da região participou porque o evento foi amplamente divulgado na região do Triângulo e Alto Paranaíba. Tomando como referência os dados desses questionários, participaram do Congresso vários educadores conhecidos tais como Moacir Gadotti, Ana Maria Saul, José Eustáquio Romão, Wanderlei Ferreira da Costa, o construtivista Lino de Macedo e Ester Buffa. Houve mini-cursos e trocas de experiência com professores da rede e de outras localidades. Para o congresso foi estipulada uma taxa de inscrição, mas a SME bancou o evento. Acredito que, como primeiro evento de grande porte da SME, este ficou marcado na história do município (E1) (Figura 4).



Figura 4. Capa da Revista “Educação & Dignidade”, órgão de comunicação interna da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, com título alusivo ao I Congresso dos Educadores de Minas. Julho de 1992.

No contexto organizacional das primeiras ações do CEMEPE, a direção estabeleceu várias estratégias de divulgação, buscando diversificar os canais de comunicação existentes para se chegar até os educadores lotados nas diversas unidades escolares, assim

.... as formas de divulgação que eram utilizadas eram os próprios coordenadores de área, o mural da escola, além disso, tinha uma secretária que era muito eficiente [...] tinha um cuidado em relação às informações que era muito grande, e isto foi bom para o CEMEPE. [...] ela registrava todas as reuniões, conseguia comunicar com todas as escolas, com os professores, e era muito ágil, estava no início da carreira dela e era muito ágil. E ela vinha de uma empresa na época, e esta coisa da comunicação era muito séria para ela (E11).

Além disso, **E2** faz referência a alguns jornais de circulação interna da SME/UDI como o “Ensinando a Fazer”, além de cartas, folders e cartazes que eram enviados às escolas.

Depois criou-se também uma revista. Nesses materiais eram publicados trabalhos realizados em sala de aula, em forma de relatos e experiências, textos e outras produções dos profissionais da rede. O CEMEPE sempre aproveitava esses espaços para divulgar o seu trabalho e chamar para os eventos, havia também um sistema de murais na SME e no CEMEPE onde se divulgavam os eventos através de cartazes. A divulgação era diversificada, usavam-se vários recursos para divulgar os cursos, às vezes, até rádio e Televisão, quando se tinha acesso a esses meios (E2).

4.3 Representações dos ex-gestores e servidores de apoio sobre a orientação e acompanhamento da SME/UDI em relação às ações do CEMEPE

Durante a primeira gestão do CEMEPE, a direção teve um relacionamento estreito com a SME/UDI. Respondendo a esta questão, **E2** sentia que o *CEMEPE era a menina dos olhos do Secretário Afrânio, ele pretendia que ele se tornasse um centro de aperfeiçoamento profissional de alto nível.*

Parecendo concordar com essa afirmação, segundo **E11** o CEMEPE teve total autonomia para gerir suas ações organizá-las

porque o Afrânio tinha pressa em ver os professores escrevendo bem, falando bem, sendo cidadãos. O receio do Dr Afrânio era tão grande, ele tinha tanta pressa, que os recursos financeiros para ele não eram problema. Ele [...] cobrava o contrário do que é cobrado atualmente. Ele queria ações que realmente mexessem com a vida dos professores, que mudassem as crenças e posturas dos professores, então, em momento nenhum, pelo secretário, a não ser por alguns assessores que não entendiam nada de educação e que no final o Dr Afrânio acabava por convencê-los, como no caso particular do filho do prefeito que verbalizavam: “Ah, o senhor está gastando demais, o CEMEPE é uma torneira” (E11).

A mesma **E11**, afirma que,

mesmo assim, foi um período de muito conflito porque quando trazíamos educadores do PT, por exemplo, para conversar com os professores, nós tínhamos que omitir a identidade política do palestrante. Foi um período muito difícil, mas aprendemos muito não só eu como o grupo todo [...] Como foi construída uma quantidade enorme de escolas, a nossa concepção era de que à medida que o CEMEPE avançasse, as escolas também avançariam, então, nós tivemos um período de muito crescimento qualitativo com os professores descobrindo o gosto pelo estudo, de ir a seminários, encontrar em pequenos grupos na escola para estudar. As escolas solicitavam ao CEMEPE textos de referência, que pudessem auxiliar os estudos internos na escola em uma área ou em outra, dependendo da dificuldade que estavam enfrentando (E11).

Entretanto, para **E2**, como a SME/UDI não tinha uma proposta para o CEMEPE, este

deveria organizar sua própria proposta em consonância com as escolas. O que havia eram diretrizes de ação, que eram: prioridade da qualificação profissional para todos os segmentos profissionais da rede, sem discriminação. Eram diretrizes de ações gerais, no âmbito pedagógico. No plano administrativo, o CEMEPE estava vinculado à SME, no aspecto financeiro, porém, os cursos, a forma como aconteceriam, seriam definidos pela direção do CEMEPE. Havia alguns eventos, homenagens ou um determinado Congresso, por exemplo, que, às vezes, eram pensados junto com a Secretaria. Mas não houve nenhum direcionamento político-pedagógico [...] Não cabe nunca à SME criar e apresentar uma proposta para as escolas, a Secretaria tem vínculos políticos partidários, cargos partidários comissionados, o ideal é investir na escola e a escola montar sua proposta e alguém do sistema acompanhar o trabalho na escola.

E11 analisa essa situação da seguinte forma:

[...] nós fizemos a proposta e tivemos que omitir questões político-partidárias, ideológicas e, às vezes, apresentar o “fulano” como uma casca: “Olha, o maior educador da América Latina”. E como esta era a visão dos administradores, sempre o maior, o melhor, o mais isso, Uberlândia tem muito disto, de o maior, de ser grande demais, Estádio Sabiá, esta coisa de grandeza, de números... Então, a gente apresentava a proposta com o maior educador da América Latina, com produção de 50 livros e escondíamos a identidade ideológica e partidária e até algumas coisas porque nós tínhamos contratado este educador para discutir com os professores. Então, neste sentido, o fato de a administração ser de direita ajudou e o fato de não entender de educação e não trazer um pacote pronto. Porque quando você traz um pacote pronto, você acaba inibindo e isso não aconteceu com o CEMEPE, ele pôde construir seu projeto, pôde defender seu projeto e executá-lo (E11).

Em maio de 1991, é publicado um novo caderno informativo do CEMEPE²³, no qual é apresentada, além da estrutura orgânica da SME/UDI, um capítulo destinado ao Centro de Estudos (figura 5).

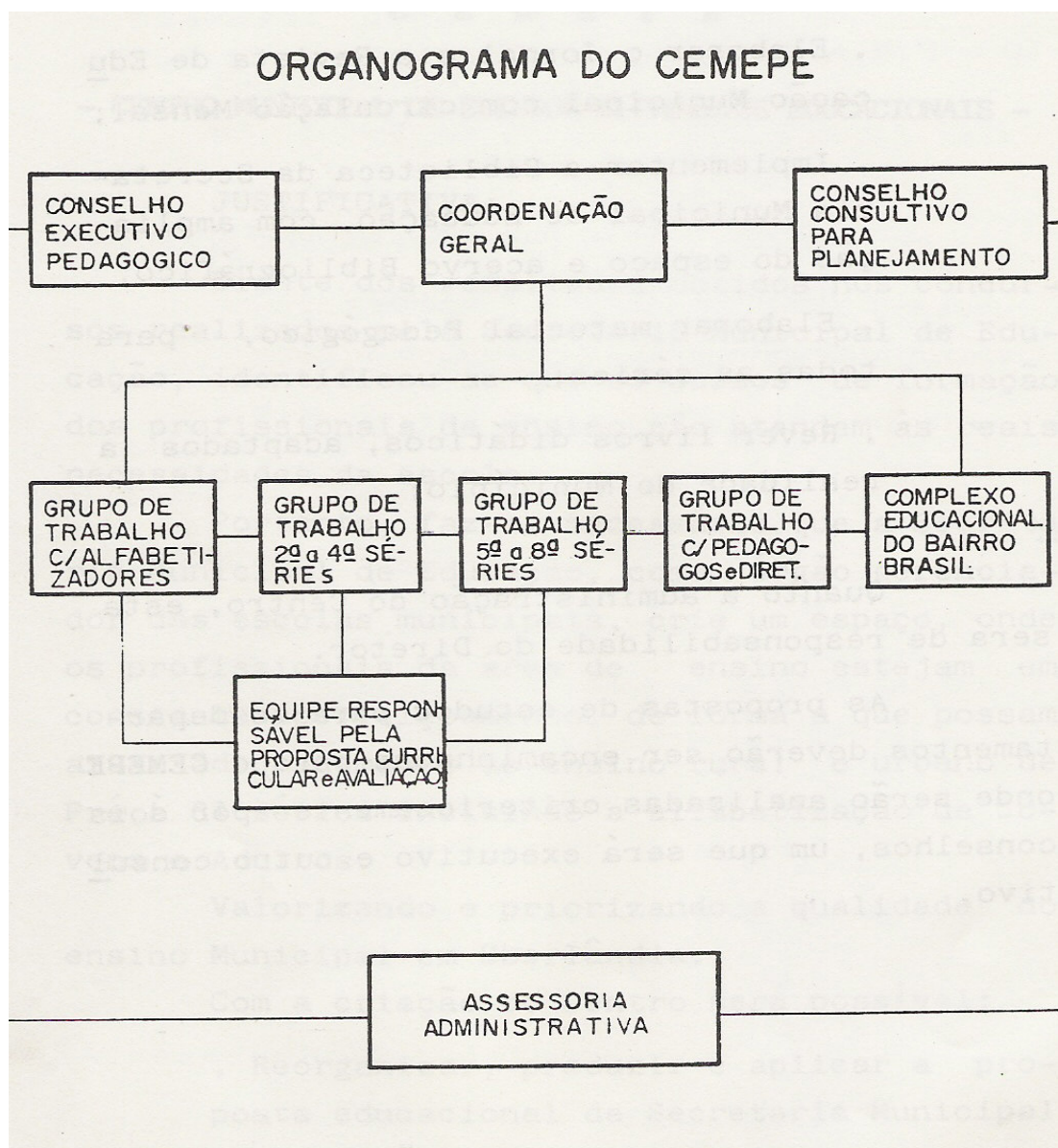


Figura 5. Estrutura orgânica do CEMEPE, publicada no *Caderno Informativo*. Uberlândia: SME/UDI, nº.1, maio de 1991.

²³ PMU/UDI. CEMEPE *Caderno Informativo*. Uberlândia: SME/UDI, No.1, maio de 1991.

Na pagina 7 desse mesmo documento, aparece como responsável pelo CEMEPE, a professora Sônia Maria dos Santos, respondendo pela organização, produção e efetivação da proposta educacional da Secretaria Municipal de Educação nas escolas via departamentos, sendo sua estrutura constituída por um Conselho Executivo, formado por educadores e especialistas da SME/UDI, e por um Conselho Consultivo, formado por profissionais ligados diretamente à área da Educação do Município.

No capítulo destinado ao CEMEPE, o texto limita-se a apresentar uma justificativa sobre a sua criação, baseada nos resultados obtidos nos concursos realizados pela SME/UDI, onde tinha sido identificado que os cursos de formação dos profissionais de ensino, não estavam atendendo às reais necessidades da escola:

Portanto, faz-se necessário que a Secretaria Municipal de Educação, como órgão gerenciador das escolas municipais, crie um espaço, onde os profissionais da área de ensino estejam em constante aperfeiçoamento, de forma que possam atuar adequadamente ao ensino rural e urbano de pré a 8ª. Série incluindo a alfabetização de Jovens e Adultos.

Com a criação do Centro será possível:

- 1. Reorganizar, produzir e aplicar a proposta educacional da Secretaria Municipal de Educação;*
- 2. planejar e realizar cursos, palestras, seminários, simpósios, congressos, encontros regionais e municipais;*
- 3. montar uma equipe de Alfabetizadores;*
- 4. elaborar o Jornal e a Revista de Educação Municipal com circulação Mensal;*

5. *implementar a Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação, com ampliação do espaço e acervo Bibliográfico;*
6. *elaborar material Pedagógico para todas as séries;*
7. *rever livros didáticos, adaptados realidade do Município.*

4.4 Representações dos educadores ex-coordenadores de projetos de formação, freqüentadores e ex-sindicalistas da PMU/UDI sobre a gestação, criação e ações iniciais do CEMEPE

No capítulo anterior procuramos descrever como foi gestado e estruturado o CEMEPE no ano de 1991, a partir das representações de educadores que participaram diretamente desse processo como gestores ou servidores de apoio. Entretanto, nesse momento, evitamos qualquer tipo de confronto com as entrevistas de educadores que não participaram na condição de gestores ou servidores de apoio, da criação do referido centro, buscando propiciar uma compreensão mais detalhada e ampla das representações dos gestores entrevistados. Dessa forma, apresentamos, agora, com o mesmo espírito do capítulo anterior, as representações dos servidores que participaram, ao longo de suas vidas profissionais na RME/UDI, na qualidade de freqüentadores e/ou promotores de projetos de qualificação docente ou de projetos pedagógicos diretamente relacionados com as atividades desse centro de estudos, deixando para outro momento, a reflexão crítica sobre a totalidade das representações apresentadas.

Contrariando, em grande medida, o discurso dos educadores que participaram diretamente da criação do CEMEPE, existem entendimentos diferenciados entre os educadores freqüentadores, os ex-coordenadores de projetos e os ex-sindicalistas que, de

alguma forma, vivenciaram o processo de gestação, criação e das atividades promovidas pelo centro de estudos, conforme depoimentos a seguir:

Essa proposta do CEMEPE, precisa ficar claro, é uma reivindicação dos trabalhadores em educação, os movimentos reivindicatórios do início da década de 90 já geram, nas pautas de reivindicações, um espaço que pudesse refletir o pedagógico no interior da escola, e eu concordo com este espaço do CEMEPE como proposta de atualização, de aperfeiçoamento, de formação continuada, de reflexão didático-pedagógica sobre a educação municipal. Embora eu pense que em governos anteriores, a forma como foi concebida esta proposta, eu tenho algumas críticas: a formatação, a organização e o funcionamento do CEMEPE, no meu ponto de vista, visaram mais o ponto de vista político-eleitoreiro e não uma reivindicação que pudesse expandir e discutir com a categoria dos trabalhadores em educação, foi mais uma atitude, ou uma ação clientelista, eleitoreira de não abrir para a discussão (E6).

Eu achava que o CEMEPE não era tão democrático, eu achava um grupo muito fechado e a gente nem sempre tinha acesso a ele. Era uma sensação que eu tinha e eu sabia que as outras colegas também tinham (E12).

Todas as ações do CEMEPE foram positivas porque o objetivo das mesmas era contribuir para a qualificação profissional dos educadores. Muitas delas tiveram repercussão estadual e até nacional, colocando Uberlândia em destaque no âmbito da Educação brasileira. A exemplo: O Congresso de Alfabetização do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o Congresso dos Educadores de Minas, Realimentação da Prática de Educadores [...] Todas as palestras, cursos, oficinas e estudos que participei foram relevantes para a minha formação e atuação profissional, porque contribuíram para o meu exercício de pensar, buscar e encontrar meios mais convenientes para ajudar o professor na sua prática em sala de aula (E4).

E13 considera que a rede pública era muito boa e percebe que houve um grande investimento na infra-estrutura durante a década de 90 do século XX. Porém,

na formação e preparação dos profissionais, para atuarem, não houve o mesmo investimento. Não se investiu no humano como se investiu na infra-estrutura (rede física). O CEMEPE é um exemplo disso, uma grande e boa estrutura física, porém não havia um trabalho que realmente atingisse o professor e o aluno [...] Tudo que acontece quando se fala em cultura, eu me apego muito nestas palavras: educação, tendo como carro chefe a cultura, a criatividade, o desenvolvimento intelectual. É como quando se inaugurou o Parque do Sabiá, tinha o motim... Então, quando se criou o CEMEPE teve um certo entusiasmo como também as pessoas começaram a utilizar naquela empolgação do início da criação. Depois foi se dispersando, e quando se fala em retomar esta consciência, precisamos marcar no corpo a corpo, começar a trabalhar isto mais no individual, no corporativo da escola para chegar até este momento (**E13**).

Outro educador lembra que

entre nós, havia uma crítica grande. Mas para que quê é isso? Quando ele foi criado, já tinha uma expectativa muito grande, a gente fica pensando que tinha universidade de educadores, a gente ficava com aquela expectativa de que fosse uma coisa “bacana”. Aí, quando foi construindo, sempre tem disso. Quando tem uma coisa nova sempre tem alguém que fala a favor e outros falam contra. [...] Apesar da gente ter os cursos, a gente sentia falta de ter um lugar específico, um lugar que nos reunisse, não sabíamos como seria, mas a impressão que a gente tinha era que seria um lugar, um espaço adequado e que as pessoas que fossem trabalhar ali estariam preocupadas com isto, em chamar gente, em viabilizar os encontros, os congressos. Então, neste aspecto eu tinha uma expectativa positiva (**E8**).

E ainda, **E7** menciona:

Não sei se é por uma tendência que as pessoas têm de não admitir, de não reconhecer que eu vi sempre um descrédito muito grande. Os comentários eram de que os cursos eram sempre a mesma coisa, que os textos não eram aprofundados. E em relação a esta questão eu endosso, eu concordo. A última participação que eu tive aqui no CEMEPE, eu e as colegas saímos comentando que foram propostas leituras que até mesmo quem estava coordenando não tinha embasamento. Não conhecia o texto e, na hora de resolver as dúvidas, pedia licença para sair da sala e duas vezes saiu sem dar resposta. Então, este foi o comentário das colegas na escola e até mesmo nos intervalos, de que éramos chamadas no CEMEPE para discutir algumas leituras, e que aqueles que mediavam ou os que estavam promovendo o debate, desconheciam, não tinham profundidade nos temas propostos. Então o comentário nas escolas era este, que era a mesma coisa, que nada de novo acrescentava. E esse processo gerou resistência ao CEMEPE (E7).

De acordo com a teoria das representações, as leituras contraditórias que transparecem entre os ex-gestores e os outros educadores entrevistados em relação ao CEMEPE, refletem de alguma forma a idéia de que tais representações são construídas no contexto das interações de determinados grupos sociais cujos interesses podem ser, em vários casos, antagônicos. Essa idéia de surgimento de determinadas representações no interior de grupos permite o estabelecimento de algumas clivagens entre os grupos sociais a partir de suas representações em geral e de suas representações políticas em particular (ANDRADE, 1995).

Em outras palavras, isso significa dizer que, ao analisar as representações dos educadores entrevistados no que diz respeito às análises mais gerais relacionadas com as conjunturas municipal e nacional, não aparecem contradições significativas entre estes,

provavelmente pelo fato de que a grande maioria era proveniente da própria RME/UDI, em cujas escolas realizavam a sua ação pedagógica.

As diferenças de leitura sobre a relevância e ações do CEMEPE, isto é, no contexto das representações políticas em particular, transparecem nitidamente entre os entrevistados, na medida em que estes tornam-se parte, de grupos sociais diferenciados, justamente, pela sua relação, não com a realidade em si, mas antes, pelo contexto político em que desenvolvem suas atividades na qualidade de atores sociais, seja como freqüentadores, lideranças sindicais e mesmo como coordenadores de projetos de formação docente no interior do CEMEPE. Isto, considerando-se também que nesses mesmos grupos, surge justamente a base da seletividade com que os discursos são lidos, porque o próprio processo identitário é um processo representativo em que a constituição de representações se vincula à estruturação dos campos de representações mais amplos, dentro dos qual se constituem as nossas visões de mundo (ANDRADE, 1995; PENNA, 1990).

Nesse contexto, no ano de 1992, é oficializada a criação do CEMEPE, como Centro de Capacitação, através do Decreto nº. 5.338, de 15 de janeiro e, no mesmo período é anunciada, também, a mudança de local para uma sede própria, junto à Escola Municipal “Prof. Otávio Batista Coelho Filho”, situada no bairro Brasil, que ocorreria somente no ano de 1996.

Entretanto, num documento encontrado nos arquivos do CEMEPE, há uma matéria que trata da construção da unidade escolar “Universidade da Criança”, bem como do espaço físico que seria destinado ao CEMEPE. Essa matéria, constituída de 4 páginas, parece ser parte de uma revista publicada pela SME/UDI, a qual não foi localizada no arquivos.

Nesse documento é informado que, além da Universidade da Criança, seria construído, um centro de formação e de atualização de professores e profissionais da área da educação, bem como o espaço laboratorial para desenvolvimento e criação de unidades-padrão que seriam edificadas, nos mesmos moldes, nos bairros e distritos dos municípios (cf. figura 6).



Figura 6. Página de rosto de matéria alusiva às obras de construção do complexo educacional “Universidade da Criança”, onde seria instalado o CEMEPE em 1996.

Deve-se ressaltar aqui, que na época da publicação do documento apresentado na figura 6, os termos “formação” e “atualização” contidos no início do texto, apresentam significados diferentes. A idéia da “formação” refere-se, neste caso, à intenção da Secretaria Municipal de Educação de implantar um curso regular de nível médio de formação de professores para o exercício do magistério nas séries iniciais do ensino fundamental que funcionou no período de 1993 a 1995, sob coordenação do CEMEPE e formou uma única turma de aproximadamente 30 alunas.

A idéia de “formação”, também estava relacionada com a proposta de criação de um curso técnico de formação em secretariado, o qual foi mencionado por **E1** nos seus depoimentos. Por outro lado, o termo “atualização”, refere-se às atividades que hoje são identificadas com o nome de formação em serviço.

4.5 Representações dos ex-gestores e servidores de apoio, acerca dos eventos do CEMEPE, considerados mais significativos no período 1990-1992

Ao representar os eventos considerados mais significativos no período 1990-1992, **E11** menciona os projetos de **Artes e o Reciclar**, os quais considerou como os mais marcantes de sua época, porque

os professores puderam compreender o papel de articulador, de formador, e os congressos complementavam esta visão, eles não eram os mais importantes, mas complementavam esta visão. E tudo isso foi bancado financeiramente pela Prefeitura, nós não fazíamos, como temos que fazer atualmente, parceria nenhuma. Nós mandávamos o projeto para a administração e ela o aprovava integralmente: alimentação, transporte, pró-labore. Então, hoje para fazermos um congresso, temos que “pedir”, ou melhor, mendigar recursos financeiros às

empresas e aos políticos, isso na época não foi necessário fazer. Agora, tem uma outra coisa que eu colocaria antes dos congressos que foi o trabalho com os dirigentes e foi uma coisa que marcou muito o CEMEPE. Os dirigentes entenderam que eles tinham que estudar também, que para ser um bom dirigente ele tinha que antes conhecer os professores, conhecer os conteúdos trabalhados, conhecer a dinâmica da escola, que dirigir não era assinar papel (E11).

Especificamente, ao referir-se ao projeto de Artes, E11 refere-se a um projeto que começou em 1989 na Escola Municipal “Afrânio Rodrigues da Cunha”. *Esse projeto também deu uma guinada no pensamento dos professores em relação à escola, à formação, aos conteúdos que deveriam ser trabalhados na educação fundamental, então, neste período, o projeto de Arte-Educação foi a cara do CEMEPE ou o CEMEPE foi a cara dele, algo assim, e ele começou na Afrânio também. Então, tudo que tinha de bom na Afrânio, foi levado para o CEMEPE (E11).*

Entretanto, de acordo com documentos oficiais²⁴, devemos ressaltar que o referido projeto a que se refere E11 estava, na verdade, lotado no Departamento de Projetos Especiais da SME/UDI, que mantinha estreitas relações de trabalho com esse centro relacionadas com as questões de qualificação dos docentes da área de arte-educação:

Uma outra coisa que eu colocaria não como prioritária, mas como terceira e que causou impacto na vida dos professores e de nossa formação inclusive foram os congressos. As pessoas que estiveram aqui em Uberlândia marcaram muito as nossas vidas, tais como o prof^o Gadotti, da PUC de SP, o Lino de Macedo, da USP, a Magda Soares, da UFMG. Os congressos tiveram o seu papel, mas não foram os mais importantes da formação dos professores [...] E depois dos

²⁴ **Fontes:** PMU/SME. *Uberlândia Somos Nós*. SME/UDI: Departamento de Projetos Especiais. Coordenação Eliana Leão. Encarte Programático, 1992; PMU/UDI *Educação & Dignidade*. Uberlândia: SME/UDI – órgão

congressos, eu colocaria o relacionamento criado com a Universidade, também com outras Universidades, não foi somente a UFU, foi a USP, foi a UFMG, a escola da Vila (E11)²⁵.

Para **E2**, os eventos mais significativos daquele período foram aqueles que atenderam entre 30 e 40 alunos, com temáticas variadas.

Houve um seminário também que foi muito bem organizado e atendeu à expectativa da rede, os participantes estavam concentrados, e eu os percebi bastante envolvidos. Porém, alguns congressos em que tinham palestras simultâneas, que envolviam muitos participantes, muitas palestras, às vezes, caríssimas, nem sempre despertavam o interesse da rede. Os participantes, muitas vezes, conversavam muito, dispersavam e não me parecia um espaço de formação que respondesse às necessidades da rede (E2).

E1 refere-se, em caráter significativo, ao II Seminário Municipal de Educação, realizado nos dias 28 e 29 de agosto, 18 e 19 de setembro e 2 de outubro de 1992, com 40 horas de duração (figura 7).

5. O CEMEPE no período 1993-1994.

Em 1993, depois de um novo período eleitoral o mesmo grupo que vinha ocupando o poder volta a vencer, com outro nome à frente da Administração Municipal, depois de concorrer em uma acirrada disputa contra candidatos de vários partidos (PMDB, PFL e PT) os quais apresentaram candidatos próprios.

de divulgação interna, No.2, 1992.

²⁵ **E11**, refere-se aqui, ao já mencionado I Congresso dos Educadores de Minas Gerais, no período de 07 a 10 de julho, o qual, além de contar com a presença de profissionais de todo o Estado, ofereceu 6 palestras e 50 mini-cursos organizados nas Escolas Municipais “Leôncio do Carmo Chaves” e “Sérgio de Oliveira Marquez”, recém-inauguradas na época.



Figura 7. Capa do Jornal “Ensinando a Fazer” com imagens ilustrativas do I Encontro de Educadores organizado pelo CEMEPE em 1992.

Nesse contexto, na SME/UDI continuou o secretário anterior, que promoveu uma nova reforma nos Departamentos Urbano, Rural e Especial, os quais nunca chegaram a existir oficialmente. O motivo alegado para tal reforma foi a conclusão das obras do Centro Administrativo da PMU/UDI, e o fato de as repartições públicas municipais estarem instaladas em muitas casas alugadas. Para liberar essas casas, o espaço do CEMEPE deveria ser ampliado, tornando-se a sede dos departamentos e das coordenações pedagógicas.

Depois de serem entregues vários cargos de assessorias e coordenações, inclusive do CEMEPE ao novo Prefeito Municipal, por divergências político-partidárias e de concepção na

esfera da educação, a assessoria pedagógica da SME/UDI passou a ser ocupada pela Pedagoga Mirlene Ferreira, a qual assume o controle geral dos departamentos, das coordenações e dos projetos existentes, incluindo o CEMEPE.

Segundo **E1**, a nova estrutura do CEMEPE organizada pela nova assessoria pedagógica da SME/UDI foi formada por:

Sônia Garcia – Consultoria de Capacitação de Pessoal de Diretores das Escolas.

Lúcia Gama, Neuza Borges e Kátia Ferreira - Consultoria de Capacitação de Pessoal na área de Alfabetização. Ministravam cursos na rede e na região.

Célia Maria Tavares – Coordenação Pedagógica de 0 a 6 anos.

Eduardo Macedo – Coordenação de Educação Física.

Depois do II Congresso dos Educadores de Minas, ocorrido em 1993, a professora Sônia Garcia dos Santos anunciou a sua saída da SME/UDI, sendo seu lugar ocupado por uma coordenação colegiada composta por Célia Maria Tavares, Lúcia Gama, Kátia Ferreira e Eduardo Macedo.

Nesse ano, o CEMEPE também promoveu o I Seminário Municipal do Instituto de Previdência Municipal – IPREMU, na condição de uma frente de trabalho que não aparecera nos anos anteriores, além de expandir sua esfera de atuação à região, oferecendo cursos e colaborando na organização de eventos de outros municípios, bem como a realização do III Seminário Municipal de Educação promovido pelo CEMEPE 25 a 28 de agosto de 1993 (**E1**).

Devemos ressaltar que nas pastas do CEMEPE, onde eram arquivados os relatórios das atividades realizadas até 1993, foi encontrado apenas um folder e nenhum outro

documento. Sobre o II Congresso dos Educadores de Minas, somente foram encontrados alguns certificados de participação, os quais somados aos depoimentos dos educadores entrevistados, comprovam a sua existência.

Ainda em setembro de 1993, sob a consultoria de Lúcia Helena Correa Gama e a assessoria pedagógica da SME/UDI, foi organizado o I Simpósio Regional de Deficientes Auditivos, de 21 a 24 de setembro, com carga horária de 40 horas e, no final de 1993, as pedagogas Eliana Leão e Wilma Canedo Portilho foram convidadas para realizar uma pesquisa sobre o ensino na rede e o nível de satisfação dos profissionais nas escolas. Nesse período, a SME/UDI continuava percebendo que, além continuar havendo diferentes níveis de formação entre os professores da rede, as linhas de alfabetização que procuravam orientar o trabalho estavam perdendo força diante da ampliação da rede e expansão para o ensino fundamental.

E1 refere-se ainda a esse período, lembrando que na época foi identificado

que diante da falta de diretrizes para a rede, havia um certo descontentamento e incertezas sobre os rumos que a educação municipal deveria seguir nos níveis de ensino infantil até o fundamental. E como resultado desse trabalho, foi surgindo a necessidade de se criar, contando com a participação dos educadores, uma proposta curricular para a rede pública municipal de ensino.

Em maio de 1994, a Professora Célia Maria Tavares assume a coordenação do CEMEPE, porém,

Célia ficou doente (...) afastou-se e depois foi para uma creche. A seguir Lúcia Gama foi cedida para a UFU; Kátia foi para o Ensino Alternativo, na ASSOCEGO; Eduardo Macedo foi cedido para a Faculdade de Educação Física e depois passou no concurso da ESEBA (E1).

No ano de 1994, o modelo de gestão adotado no ano anterior foi totalmente desestruturado, sendo vários profissionais cedidos a outras instituições, enquanto ficava na coordenação do CEMEPE apenas uma das educadoras do grupo que, ao ficar doente, também terminou se afastando do Centro. *As razões que motivaram essas alterações não eram explicitadas. O que foi divulgado na época é que saíram por motivos pessoais e profissionais e que era melhor para eles [...] Naquela época não era contado para os funcionários os problemas existentes na coordenação. Soube-se que (esses profissionais) saíram por motivos pessoais e profissionais (E1).*

Depois os departamentos e as coordenações foram para a Sede da Administração Municipal no novo prédio, inaugurado em 31 outubro de 1995. De fevereiro até abril de 1995 o CEMEPE ficou sem diretor, até chegar a nova coordenadora administrativa. Enquanto (...) os projetos Definindo Caminhos, Correio Educação e o Curso de Libras, ministrado aos sábados, continuaram além de serem atendidas as solicitações de reuniões solicitadas pelas áreas, tais como os inspetores, até fechar, em outubro de 1996 por motivo de mudança para o prédio no Bairro Brasil (E1).

Durante a pesquisa documental realizada no CEMEPE, não encontramos pastas, folders, ou quaisquer documentos sobre o desenvolvimento de atividades ocorridas no período em que o Centro ficou sem coordenador. Nos depoimentos, **E1** cita que de 23 a 26 de maio de